

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

É VITAL PARA A ECONOMIA DO BAIXO ALENTEJO



A vasta zona cerealífera e mineira do Baixo Alentejo que será servida pelo porto de Mértola, obra de grande projecção, que, a realizar-se, muito contribuirá para a valorização da economia daquela provincia.

que se proceda à construção do porto de Mértola onde, segundo cálculos, serão manuseadas anualmente umas 240.000 toneladas

Por que não se procedeu até agora à destruição dos vaus do Guadiana QUE JÁ TIVERAM TRÊS DOTAÇÕES PARA ESSE FIM?



À esquerda, na parte inferior, na junção da ribeira de Ueiras com o Guadiana ficará o porto de Mértola, num local amplo que permite a facil manobra dos navios

Visado pela delegação de Censura



Um dos carros que figurou na batalha de flores do ano passado em Messines, batalha que se repetirá este ano ainda com mais animação

JULIÃO QUINTINHA HOMENAGEADO pela Tertúlia Algarvia

A TERTÚLIA Algarvia teve no seu último almoço como convidado de honra o nosso querido comprovinciano Julião Quintinha, escritor e jornalista ilustre e algarvio de boa tempera.

Conclui na 6.ª página

UM TRIUNFO LITERÁRIO DA NOSSA JOVEM CONTERRÂNEA MARIA EMÍLIA DIAS

CHEGOU-NOS às mãos, vindo do lado de lá da fronteira, o 5.º volume de «Antologia Poética—1957», editado por Edições Rumbos, de Barcelona e no qual se reúnem produções de vários poetas modernos da vizinha nação.



Conclui na 6.ª página

O ALGARVE NA OBRA DE TEIXEIRA GOMES

«EXILADO do Bougie» adora, sobre todas as coisas, o espectáculo inebriante da vida, «fonte inexaurível de alegria e gozo...»

ADEGAS COOPERATIVAS A ADEGA DO SOTAVENTO ALGARVIO

NO intuito de sermos oportunos nas nossas informações apresentamos-nos a relatar aos nossos leitores o que se passa na Adega Cooperativa de Tavira, cuja área se estende desde as planuras de Castro Marim até às orlas da serra de S. Brás de Alportel, abrangendo, portanto, todo o Sotavento do Algarve.

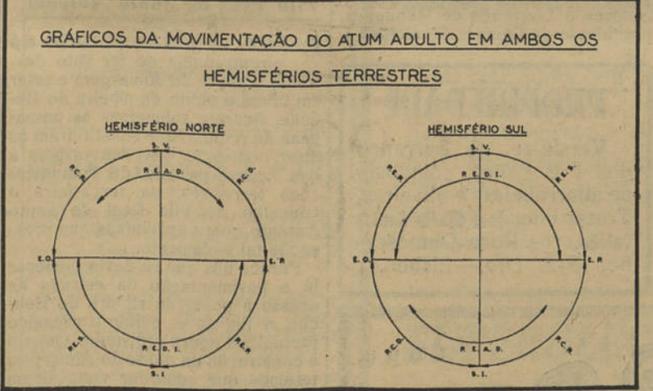
HÁ coisas que não se compreendem por mais que se procure encontrar explicação para as mesmas. São tão notórias as fragilidades dialécticas da possível explicação que ela, por certo, nunca será dada.

VIAÇÃO

Segundo a estatística de viação, existiam em 1956 no Algarve 12.669 veículos de tracção animal, 23.966 bicicletas, 1.096 cavalos e 2.344 burros—de quatro patas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO ATUM SEU COMPORTAMENTO

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES



Significado das abreviaturas: E. P.—Equinócio da Primavera. S. V.—Solstício de Verão. E. O.—Equinócio do Outono. S. I.—Solstício do Inverno. P. C. D.—Período da «Corrida de Direito». P. C. R.—Período da «Corrida de Révêrs». P. E. S.—Período de Estacionamento à superfície. P. E. P.—Período de Estacionamento na Profundidade. P. E. A. D.—Período de Estacionamento na Área de Postura. P. E. D. I.—Período de Estacionamento no Domicílio de Inverno.

LOULÉ, PORTIMÃO E MESSINES preparam as suas batalhas de flores

VAI grande azáfama em Loulé na preparação das festas do Entrudo que, graças à sua boa organização e vistosidade, têm fama nacional, atraindo todos os anos à progressiva vila milhares de pessoas que aproveitam o ensejo para percorrer o Algarve.

Conclui na 6.ª página

A saúde é a maior riqueza

CAUSAS DA PRISÃO DE VENTRE Alimentação excessiva ou deficiente, regime alimentar monótono, mastigação incompleta, irregularidade de horários nas refeições, abuso de gulosimas, doces, pastelarias, tudo isso concorre para a prisão de ventre. Esta é, pois, na maioria dos casos, o resultado de uma alimentação errada.

NAVEGAÇÃO

Em 31 de Dezembro de 1956 estavam inscritos nos portos do Algarve barcos com a tonelagem bruta total seguinte: Portimão, 6.048 toneladas; Olhão, 3.991; Vila Real de Santo António, 3.296; Faro, 2.073; Lagos, 1.811 e Tavira, 1.712.



por CASIMIRO DE BRITO

A propósito de um monumento

Não sei se há no País alguma cidade menos favorecida do que a nossa, no que respeita ao assunto Monumentos. É uma cidade esquecida, uma cidade que, se tem alguma coisa (e tem) é a dádiva que lhe dedicou a natureza. E, nesse aspecto, podemos gritar sem receio de nos enganarmos, que Faro é a mais bela das cidades portuguesas — incluindo as Lisboas (apesar de um Tejo famoso e de uns arredores «muito cuidados») e os Portos (apesar da poesia das «ilhas», do verde ubérrimo dos vinhais) e as Évoras (apesar dos bordados de pedra que a vinculam, do aristocracismo (ou feudalismo) que revela) — sim, Faro, naturalmente, é a mais bela cidade do País. E não é exagero, é apenas o resultado inevitável de uma contemplação de além, de Santo António do Alto: é um milagre, tudo aquilo. O multicolorismo do coração do Algarve, a campina imensa e fértil, verde, castanha, negra, de todas as cores, um palácio no meio, ao longe um céu confundindo-se com a serra, essa serra-moldura que nos garante a alegria incomensurável de sermos algárvios, diferentes, algárvios... E, no outro lado, o mar... esse mar que nos limita e nos amplifica — porque a verdadeira saudade, o verdadeiro anseio pelos longes, são nossos, algárvios. E nesse mar, o nosso lago, o nosso jardim aquático, as cores desfazendo-se de novo em simbólicas variações. Isto é o Algarve não é Faro, nem Loulé, nem Vila Real, nem Tavira... porque mais além, a Barlavento ou a Sotavento, as cores continuam, a serra e o mar continuam, o algárvio continua. Por isso, em verdade, nós não somos da cidade de Faro, ou da vila de Aljezur, ou da cidade de Silves... somos do Algarve, a maior e mais bela cidade que conheço. E melhor não acredito! Sim, Algarve não é uma província, é uma cidade, uma praia, é o Algarve!

A propósito de um monumento: é isso, não temos monumentos. O que importa e não importa: temos outros, os nossos. Todavia. Todavia, talvez se em Faro (em Faro e nos outros bairros da cidade algárvia) houvesse mais um ou outro monumento, o Algarve natural e colorido não perderde muito com isso. Pelo menos queixar-nos-íamos menos de «desprezo», nós que causamos inveja aos «outros» por este pedaço de terra que dispensa quaisquer adjetivos. Enfim: registre-se. Inaugurou-se outro monumento, ao benemérito coronel Aboim Ascensão. É modesto, mas isso não importa: o que importa, sim, é a obra do homenageado — e essa é notável, rogando que a continuem...

EDITAL

Dr. Manuel Elias Trigo Pereira, Intendente de Pecuária de Faro: Faço saber, para fins do disposto no n.º 12.º do art.º 95.º do Decreto-lei n.º 27.207, de 16 de Novembro de 1956, que a firma Lopes & Herculano, Lda., com sede em Olhão, requereu Alvará de licença para instalar e explorar um Depósito de Bacalhau sito na Rua Nova da Cruz, n.º 72, da referida vila. E, como este estabelecimento está incluído na classe 2.ª da Tabela II anexa ao Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, aprovada pelo Decreto n.º 8.364, de 5 de Agosto de 1922, com o inconveniente de cheiro, são por isso e em conformidade com as disposições do mesmo Regulamento, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na sede desta Intendência de Pecuária, Rua Conselheiro Bivar, n.º 39, da cidade de Faro, dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital as reclamações que julguem dever fazer contra a concessão da licença requerida podendo, na mesma Repartição, ser examinado o respectivo processo.

Para constar passo o presente que assino. Intendência de Pecuária de Faro, em 16 de Janeiro de 1958.

O Intendente de Pecuária, Manuel Elias Trigo Pereira

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda, telef. 64.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Arquitecto Hermínio de Oliveira

No concurso de tese subordinado ao tema «Palácio de Justiça de Lagos», recentemente organizado na Escola Superior de Belas Artes do Porto e ao qual concorreram cerca de duas centenas de arquitectos estrangeiros, foi conferida a 1.ª medalha (20 valores), ao nosso assinante sr. Hermínio Beato de Oliveira, arquitecto da Junta de Província do Algarve e professor de desenho do Liceu Nacional de Faro.

Partidas e Chegadas

Deve retirar, por estes dias, para o Montijo, o nosso amigo sr. João Marcelino Ribeiro Fernandes, que por conveniência de serviço, foi transferido de gerente da agência do Banco Português do Atlântico, de Faro, onde se encontra desde a sua inauguração, para a agência, do referido banco, naquela vila ribatejana. Em sua substituição, ocupou o lugar de gerente da agência de Faro, o nosso assinante sr. Francisco Daniel, que transitou do Banco do Algarve.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Gerónimo Santos, nosso assinante em Faro.

Com pouca demora, esteve nesta vila o sr. João Gonçalves Conceição, chefe da estação dos caminhos de ferro de Tunes.

Seguiu para Portalegre a sr.ª D. Maria de Fátima Carrilho Medeiros, filha do nosso assinante sr. Jorge Ponce Medeiros.

Esteve alguns dias no Barreiro, acompanhado de sua família, o nosso assinante sr. Eugénio Mendes.

Pedido de casamento

Pelo sr. José Luís Milhano Pessanha, filho do sr. Narciso André Pessanha, funcionário da Câmara Municipal de Castro Marim, e de sua esposa sr.ª D. Amélia Milhano Pessanha, foi pedida em casamento a menina Dulcinea Baia, sobrinha do sr. Manuel F. M. Matos Velez e da sr.ª D. Rosa Linda Matos Velez, realizando-se o enlace matrimonial, brevemente, na Figueira da Foz.

Doentes

Em Lisboa, no hospital de S. José, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, que decorreu com felicidade, o sr. José Afonso Cavaco, da Venúncia (Odeleite), encontrando-se já livre de perigo.

Encontra-se internada no Instituto Português de Oncologia, a sr.ª D. Rita da Costa Ferreira, de Vila Nova de Cacela.

Encontra-se bastante doente, tendo no entanto experimentado sensíveis melhoras, a sr.ª D. Maria Antonieta Correia dos Santos, filha do sr. João Aguilera dos Santos.

A todos, deseja o Jornal do Algarve pronto restabelecimento.

Gente nova

No sítio da Altura (Castro Marim) teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Eduarda Horta Guerreiro Botelho, esposa do sr. João Alves Botelho, residente no Barreiro.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO Telefone 475

Cine-Foz

DOMINGO, A sombra, com Martha Toren, Pierre Cressoy e Giana Maria Canale. (Para 17 anos).

TERÇA-FEIRA, Massacre traíçoire, com John Payne, Faith Domergue e Rod Cameron. (Para 12 anos).

SEXTA-FEIRA, Paris Palace Hotel. (Para 12 anos).

Advertisement for 'Capa' products including SARDINHA, ANCHOVAS, CAVALA, BONITO, CARAPAU, Neptuno, Dois Garotos, Guadiana, Estátua, Juventude.

PILOTOS & CAPA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ECONOMIA

Produção corticeira de 1947 a 1956

POR nos parecer constituir um elemento importante para a indústria das cortiças, vamos reproduzir as estatísticas referentes às produções dos anos de 1947 a 1956. A unidade é a tonelada.

Table with columns for years (1947-1956) and rows for various cork products like Prancha, Refugio, Aparas, etc.

Pesca no Algarve

O ano que terminou não foi dos mais frutuosos piscatorialmente para Vila Real de Santo António e isto porque tendo-se vendido em 1955 e 1956, respectivamente, 52.169 e 59.331 contos, no ano findo vendemos apenas 44.385 contos, o que, englobando as pequenas vendas, não deve ir muito além dos 45.000 contos. O facto explica-se porque, nos últimos meses do ano, tendo falhado a pesca, os barcos algárvios, que ainda ninguém se atreveu a dizer que não são portugueses, procuraram exercer a sua actividade no Centro e Norte, abandonando a nossa costa. Abandono total e lamentável.

As dificuldades da indústria angolana de farinhas de peixe

Em consequência das exigências dos mercados importadores, está a atravessar dificuldades a indústria angolana de farinhas de peixe, que é uma das bases da economia do Sul de Angola. Tendo exportado em 1950, 54.870 contos de farinha, essa exportação ascendeu, em 1956, a 202.789 contos, atingindo nos cinco primeiros meses do ano findo 131.629 contos. Uma comissão deslocou-se à África do Sul, onde as pescas nos últimos anos tiveram um incremento notável, para fazer ali um estudo, chegando à conclusão de que devem ser criadas cooperativas de produção e adoptar-se outras medidas entre elas o condicionamento das artes de pesca e o defeso. No distrito de Moçamedes devem ser constituídas quatro cooperativas cujas instalações de farinha e óleos de peixe assegurarão a transformação de todo o pescado daquela zona. Como é urgente resolver os problemas bacteriológico e de qualidade, projecta-se a instalação de quatro fábricas colectivas, dos tipos mais modernos que assegurem maior economia na produção e grande melhoria na qualidade dos produtos. Numa segunda fase seriam construídas instalações frigoríficas para peixe destinado à indústria de conservas e peixe seco e fumado.

As farinhas que estão a ser produzidas foram classificadas em quatro tipos e os Serviços de Veterinária e Indústria Animal foram incumbidos de proceder com urgência ao estudo das actuais fábricas para determinar quais as que podem ser consideradas em condições de produção que satisfaçam as exigências da legislação da Alemanha Ocidental sobre farinhas de peixe.

SECÇÃO DE VENDAGEM

da Casa dos Pescadores de Olhão

OLHÃO — Foi inaugurada a nova secção de vendagem da Casa dos Pescadores, tendo discursado a enaltecer a importância do melhoramento, os srs. 1.º tenente Carlos Pacheco Pinto, capitão do porto; António Camilo Pinto da Costa, chefe dos serviços de vendagem da Junta Central das Casas dos Pescadores e Lourenço de Mendonça, presidente da Câmara Municipal.

PROPRIEDADE

Vende-se, no Barranco dos Fós (Alte), composta de alfarrobeiras e oliveiras. Tratar com José Maria Santos Calado, rua Rosa Damasceno, 13-2.º Dto.—Lisboa.

Consumo de carne no Algarve

O peso limpo da carne consumida em 1956 nos concelhos do Algarve foi o seguinte, em toneladas: Faro, 368; Portimão, 314; Olhão, 193; Vila Real de Santo António, 149; Loulé, 123; Tavira, 117; Silves, 104; Lagos, 102; Lagoa, 85; Alportel, 84; Monchique, 28; Albufeira, 15; Castro Marim, 10; Alcoutim, 4; Vila do Bispo, 3 e Aljezur, 1. Os concelhos que mais carne consumiram foram, por ordem decrescente, Portimão, Vila Real de Santo António e Faro.

Aquisição de amendoeiras

A nossa lavoura adquiriu na campanha de 1955/56 as seguintes quantidades de amendoeiras para plantação: Albufeira, 1.067; Alcoutim, 100; Castro Marim, 75; Faro, 2.771; Lagoa, 772; Lagos, 1.548; Loulé, 4.172; Olhão, 1.208; Portimão, 2.321; Silves, 2.024; Tavira, 918; Vila do Bispo, 300 e Vila Real de Santo António, 1.252.

A cultura da oliveira no Brasil

A cultura da oliveira está a desenvolver-se firmemente no Brasil, embora as colheitas não satisficam ainda uma centésima parte das necessidades de consumo. Contudo, já foi possível elevar a produção brasileira ao dobro nos últimos anos. Segundo informa o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil produziu 250 toneladas em 1956 contra 144 toneladas em 1954. Também melhorou a produtividade, tendo o rendimento por hectare passado da média de 574 para 1.015 quilos.

Aquisição de laranjeiras

A lavoura algárvia adquiriu na campanha de 1955/56, as seguintes quantidades de laranjeiras para plantação: Albufeira, 328; Aljezur, 72; Castro Marim, 77; Faro, 1.047; Lagoa, 303; Lagos, 427; Loulé, 3.399; Monchique, 211; Olhão, 660; Portimão, 2.049; Silves, 2.576; Tavira, 1.156 e Vila Real de Santo António, 1.079.

Diversas

No ano findo as artes de pesca da sardinha venderam na lota de Aveiro 8.691.490\$00. — Em 1956 o Algarve produziu 4.438 toneladas de cortiça, ocupando o primeiro lugar o concelho de Monchique com 1.187 toneladas. — De Janeiro a Novembro do ano passado importámos 68.888 toneladas de trigo, no montante de 161.142 contos; 18.419 máquinas de costura para uso doméstico, no valor de 39.077 contos e 582 toneladas de tintas, no montante de 15.383 contos. — O rendimento da pesca em Sessimbra, no ano findo, foi de 43.913 contos; mais 4.000 contos que no ano de 1956.

ESTEVE BLOQUEADO NA TERÇA-FEIRA O CONCELHO DE Vila Real de Santo António

DEVIDO às grandes chuvadas e à circunstância de ter sido destruída a ponte do Almagrem e estar em obras a ponte da ribeira do Beliche, ficaram submersas as passagens de recurso que substituíram as duas pontes, o que deu origem a que ficasse privado de comunicações terrestres, na terça-feira, o concelho de Vila Real de Santo António, com os prejuízos que presuppõe tal isolamento. Parece-nos que se devia começar já a pavimentação da estrada de acesso à ponte da ribeira do Beliche, a fim de se evitar o precalço prejudicial agora registado. Quanto à construção da ponte do Almagrem teremos que aguardar mais algum tempo. As respectivas obras foram à praça na terça-feira, com a base de licitação de 1.596.518\$00, tendo aparecido dois concorrentes com propostas no valor de 1.594.999\$90 e 1.435 contos.

Aos corações bondosos

A fim de adquirir livros e cadernos e pagar propinas, para concluir no corrente ano o curso de Comércio Geral, estudante cujo pai se encontra desempregado pede com urgência auxílio até à quantia de 410\$00. Dirigir a esta redacção às iniciais J. S.

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas «EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LOTAS DO ALGARVE

Fuseta de 16 a 25 de Janeiro

CAÇADEIRAS:

Table listing names and amounts for 'CAÇADEIRAS' such as Manuela da Conceição, Georgina Maria, etc.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 23 a 29 de Janeiro

ENTRADOS: Alemão «Rimberg», de 1212 ton., de Leixões, vazio; Português «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazio; Português «Corvo», de 773 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Português «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Português «Shell Onze» de 358 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos. SAÍDOS: «Rimberg», para Rotterdam, com minério; «Maria Christina» e «Mira Terra», para Lisboa, com minério; «Corvo», para Ponta Delgada, com sal.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA de Vila Real de Santo António

Foi o seguinte o movimento do 2.º semestre de 1957 do Hospital Marquês de Pombal, da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António: consultas, 976; tratamentos, 3.386; intervenções de pequena cirurgia, 223; internamentos, 183; internamentos na maternidade, 63. Movimento de cirurgia a cargo do sr. dr. António Henrique Balté: Consultas, 7. Operações: — histerectomias, 4; hérnias, 3; apendicectomias, 11; tireoidectomias, 2; outras operações, 16.

ANTOLOGIA POÉTICA

coordenada por C. B. 8) D. DINIS

Toda a gente sabe que o nosso Rei D. Dinis foi também um grande Poeta. Mas, poucos conhecem a sua obra poética, bastante bela e sugestiva. D. Dinis poetou em todos os géneros de então: cantigas de amor, cantigas de amigo e cantigas de escárnio e maldizer. A sua produção poética está integrada no Cancioneiro da Vaticana, que se encontra em Itália em poder do Vaticano.

De D. Dinis, Rei-Poeta de Portugal, uma bela cantiga de amigo: Chegou-mi, amiga, recado d'aquel que quero gram ben: que, pois que viu meu mandado, quanto pode viir ven; e and'eu leda por en e faço muit'aguizado.

El ven por chegar coitado, ca sofre gran mal d'amor e anda muit' alongado d'aver prazer nen sabor, se non ali u eu for, u é todo seu cuidado.

Por quanto mal á levado, amiga razón farei de lhi dar end' algun grado, pois ven, como lh'eu mandei, e logu'el será, ben sei, do mal guard' e cobrado.

E das coitas que lh'eu dei, des que foi meu namorado.

MICROMOTOR, LDA. FILIAL DE FARO

Largo do Mercado, 60 Telefone 733 Apresenta a melhor bicicleta motorizada

SETA com motor

H M W 3 VELOCIDADES

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Necessita-se agente nesta localidade

# ACTUALIDADES



## DESPORTIVAS

### F U T E B O L

#### Campeonato Nacional (II Divisão)

### O «TERCETO» ALGARVIO AINDA NÃO ESTÁ PERDIDO...

Farense, 6 — Portalegrense, 1  
Tarro, 2; Armando, 2; Balela e Veirinha

Tudo está certo em superioridade, números e até na diferença de valores patente em «S. Luis».

Contrariamente ao princípio de que «não há equipas fáceis», os alentejanos foram um grupo fácil que, depois do seu golo (de honra em toda a acepção da hora e meia) acabaram por «cair», abrindo funda brecha no «score», e ao ascendente do adversário.

Triunfo quase em jeito de «cilindragem». Destacaram-se Tarro, que foi o «gatilho» do ataque, desferindo «tiros» de qualquer ângulo; Bento, que continua em excelente

«rodagem», e Ventura II, o mais autoritário dos defesas.

Beja, 1 — Olhanense, 3  
Ângelo, 2 e Cava

Este triunfo, previsto em nossos vaticínios, veio valorizar mais o «team» e o seu treinador.

A equipa venceu e convenceu, e nestes dois pontos que resultaram da partida de «Pax Júlia» assentam

as credenciais dum grupo que sabe jogar futebol (incontestavelmente), visto que, pela análise crítica da imprensa, assim se diz.

A despeito da imprensa procurar ser independente, tem de viver de «penas» dependentes tantas vezes de clubismo ou de paixão clubista, porque o nosso jornalismo desportivo está hoje entregue a gente que diz aquilo que não é e é aquilo que não quer que se diga...

#### Campeonato Nacional da III Divisão

### JORNADA EM QUE PREVALECEU O FACTOR «CASA»

Silves, 1 — Desportivo, 0

SILVES — Só no final da segunda parte, quando faltavam apenas 8 minutos para terminar o encontro, o Silves conseguiu concretizar, alcan-

der um encontro que facilmente teriam ganho se tivessem sido mais eficientes e espontâneos a rematar. Foram eles, os avançados, os grandes responsáveis do novo desaire da equipa.



Unidos Sambrasense, 3.º representante algarvio ao Nacional da III Divisão

çando justo triunfo sobre um adversário rijo e que soube fechar a sua defesa.

O grupo local foi muito superior ao visitante e só à falta de sorte se pode atribuir a vitória pela tangente. Na realidade, houve remates à trave, houve remates a rasar a trave e os postes, e o golo sempre a negar-se ao grupo local!

O guarda-redes do Silves apenas foi chamado a defender as suas redes quatro ou cinco vezes em todo o desafio, evidenciando-se numa estupenda defesa em voo e a meia altura.

A arbitragem foi muito deficiente, tendo o sr. Ivo Boto chegado a marcar dentro da grande área do grupo visitante um livre indirecto para penalizar uma rasteira sofrida por um avançado do Silves! Além disso consentiu em jogo violento, no que foram exímios Rogério, Gralho e Caiado. Só no final e quando o «Silves» já vencia o jogo é que se resolveu a expulsar do terreno o avançado Caiado.

O «Silves» mostrou-se muito superior ao adversário mas teve de haver-se com uma equipa aguerrida, que fechou bem a defesa, e lutou ainda contra um vento fortíssimo que prejudicava o bom andamento das jogadas.

Salientaram-se José Maria que comandou à vontade no centro do terreno e distribuiu jogo para os seus avançados, Inácio numa brilhantíssima estirada, salvando um golo certo, e José Domingos pelo entusiasmo e dinamismo que pôs na luta. O golo foi marcado por Armando aos 37 minutos da segunda parte.

Dos vencidos destacaremos toda a defesa, embora Rogério e Gralho tivessem por diversas vezes jogado com demasiada violência e à margem das leis... — C.

Moura, 2 — Lusitano, 1

MOURA — Nem sempre ganha o melhor, e esta frase histórica ficou demonstrada, uma vez mais, no domingo em Moura. O Lusitano, a quem prevíamos nítida subida de forma, actuou nesta vila alentejana de maneira a confirmar os vaticínios, jogando um futebol vistoso, agradável, que deixou em todos os espectadores a ideia de equipa mais forte, mais equilibrada, possuidora de melhor conjunto. Mas dominar e não marcar não chega, e isto por vezes custa caro. Assim aconteceu à equipa encarnada. Os seus avançados não souberam aproveitar as constantes oportunidades que se lhes depararam e acabaram por per-



### BASQUETEBOL

#### Campeonato Distrital

Repetição do jogo anulado:

Sporting C. Olhanense, 42  
Sport Lisboa e Faro, 35  
(ao intervalo 20-11)

SCO.: Martins, Flávio (26), Cipriano, Brito (10), Costa, Amaro (6), Correia.

SLF: Pinto (15), Rocha (7), Carvalho (2), Cavaco (5), Jorge (5), Reis (1), Xavier, André.

Árbitro: José Fernandes Lisboa. Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos. Cronometrista: Hostílio João Peres Gomes.

#### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
«Os Olhan.»	6	6	0	0	278-155	18
Farense	6	5	0	1	302-201	16
S. C. O.	6	4	0	2	217-256	14
«Os Borj.»	6	3	0	3	261-260	12
S. L. e Faro	6	2	0	4	210-306	10
Lusitano	6	0	1	5	185-229	7
G. C. O.	6	0	1	5	148-254	6

O Ginásio C. Olhanense tem uma falta de comparência.

#### Jogos para amanhã

S. C. Olhanense - S. C. Farense (C. A. Gouveia, Olhão); S. L. Faro - C. D. «Os Olhanenses» (C. Alameda, Faro); Lusitano F. C. - Ginásio C. O. (C. «F. G. Socorro», Vila Real de Santo António).

### Campeonato Distrital de Juniores (2.ª fase)

Resultados de domingo:

S. C. Farense, 1 — C. F. Esperança, 3  
S. C. Olhanense, 12 — Silves F. C., 1

#### Jogos para amanhã

S. C. Olhanense - S. C. Farense  
C. F. Esperança - Silves F. C.

Atlético, 4 — Portimonense, 3

O medo fez o ladrão... E razão teria o Portimonense para gritar: — ó da Guarda! Damos letra maliciosa ao «guarda», com vista a Gameiro Pereira.

Os barlaventinos foram, dos três grupos algarvios, os mais vibrantes, aqueles que durante hora e meia se bateram «taco-a-taco» na Tapadinha, indiferentes ao nome de Atlético, do seu adversário.

Para já, quando é que os súbditos de Gameiro Pereira encaram o jogo de futebol como uma coisa contingente e susceptível de se ganhar e perder, tanto em «casa» como fora de «casa»?

Todavia, apesar do «frete» feito a Lisboa, ficou claramente demonstrado que o Portimonense não é um grupo qualquer e fundamenta no poder de equipa as suas aspirações a terceiro classificado.

#### Jogos para amanhã

FARENSE - BEJA

O triunfo de Faro está nas melhores das hipóteses, embora em números de antemão.

ALMADA-OLHANENSE

O Olhanense defronta uma equipa que procura fugir ao «estigma» do jogo de passagem, e isso deve valorizar o triunfo dos de Olhão.

PORTIMONENSE-CORUCHENSE

Partindo do princípio de que os barlaventinos regressaram da Tapadinha vencidos, mas não convencidos, o seu triunfo está na base do seu estímulo.

António A. Santos

## - VELA -



### Fundo de Expansão da Vela

No número de 4 de Janeiro do *Jornal do Algarve*, na local onde informámos que estaleiros algarvios estavam a fazer 6 barcos para o Clube Desportivo Nun'Álvares, de Luanda, citámos em determinada altura o facto de jovens velejadores algarvios, que satisfaziam todas as condições que o regulamento do Fundo de Expansão de Vela especifica para a preferência, terem solicitado à Federação um subsídio para a construção de barcos próprios e de não receberem qualquer resposta, talvez por haverem escolhido um estaleiro algarvio e dizerem que não gostavam do trabalho dos que são propriedade de dirigentes da F. P. V.

Felizmente, o nosso reparo foi ouvido, o que prova a razão de tudo quanto afirmámos e que o *Jornal do Algarve*, até na sua modesta secção de Vela, é considerado pelas entidades a quem se dirigem os seus justos reparos.

Assim, é com verdadeira satisfação que informamos que, nove meses depois, os jovens Daniel Fins Santana e Euler Morgado da Costa Mendes receberam um officio da Federação, comunicando-lhes que os seus pedidos de subsídio tinham sido atendidos e que lhes era concedido um subsídio de 35% para a construção de dois «moths».

Segundo nos informam, estes jovens aceitaram o referido subsídio e solicitaram que esses barcos fossem construídos nos estaleiros de mestre Félix Correia, em virtude do estaleiro para o qual tinham pedido a construção, nesse prazo de nove meses, ter deixado de fabricar «moths» em série e já ter recusado algumas encomendas.

Esperamos que este justo pedido seja atendido e que muito em breve possamos anunciar o lançamento à água destes dois barcos.

#### Calendário de Regatas de 1958

Segundo circular da F. P. V., até 15 de Fevereiro próximo os clubes federados terão que enviar o calendário das provas a realizar em 1958, a fim de que elas possam ser incluídas no calendário oficial da Federação.

João Neto, numa das suas crónicas de vela, da *Folha de Domingo*, fez um apelo ao dr. Martiniano Pereira dos Santos, delegado no Algarve da Federação, para que reúna os dirigentes dos clubes e secções de vela do Algarve para se elaborar um calendário mais ou

menos comum, onde as provas de uns não colidam com as dos outros e onde haja provas de vulto, talvez uma 2.ª Semana Algarvia de Vela, a realizar com a colaboração de todos.

Sabemos que esse alvitre foi bem recebido pelo dr. Martiniano dos Santos, Secção Náutica do S. L. F. e por muitos outros dirigentes que colocam os interesses gerais acima de vaidades e questúnculas pessoais.

Certos de que só assim, com a colaboração leal e sincera de todos, a vela desportiva algarvia poderá renascer e voltar aos seus tempos áureos, não queremos deixar de consignar aqui o nosso apoio a tão simpática e útil iniciativa.

#### 11.º Aniversário da Secção Náutica do S. L. F.

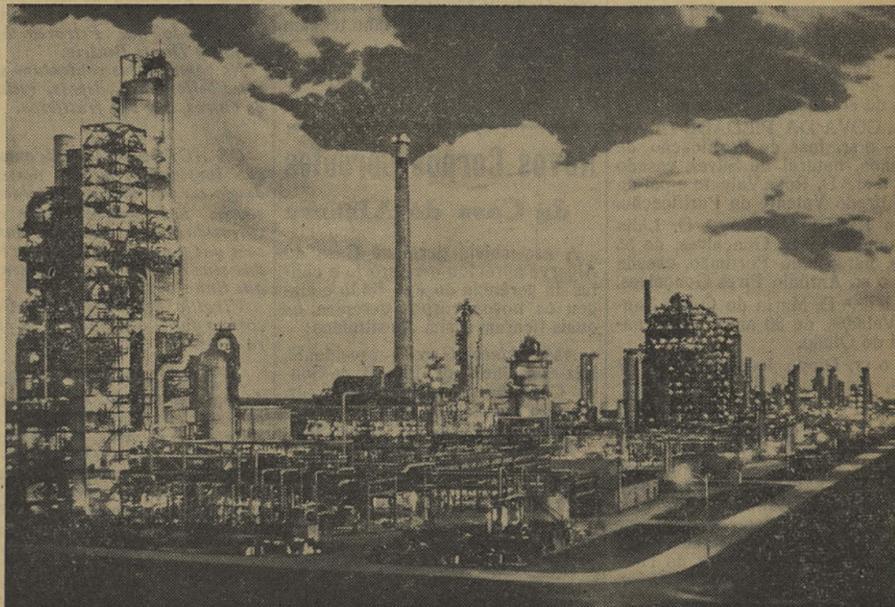
No dia 21 de Janeiro passou mais um aniversário da criação da Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro. Como esse dia coincidiu com o da Assembleia Geral do Clube, tal facto foi realçado no relatório da Direcção autónoma da sua Secção Náutica e os sócios presentes, entre os quais se encontrava o sr. Eduardo Horácio Martins Seromenho, presidente da Assembleia Geral e sócio fundador da referida Secção, trocaram impressões e estudaram alguns problemas referentes às obras a executar no Posto Náutico Comandante Tenreiro para a sua conservação e um melhor aproveitamento deste.

Podemos anunciar que essas obras, graças a uma generosa e valiosa oferta de materiais do sr. Eduardo Seromenho, a quem já muito deve a vela algarvia, deverão ser iniciadas em Abril próximo, o que muito beneficiará a prática do desporto «vélico» farense.

É curioso relembrar que a Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro, que ora completou 11 anos de existência, agora as provas particulares dos Centros da M. P., foi a iniciadora no Algarve de provas e campeonatos com os modernos barcos de regata de classes internacionais. Assim, com a participação do Clube Náutico de Vila Real de Santo António, fez disputar o 1.º Campeonato do Algarve de «Sharpies» de 9m2, e foi ela igualmente a primeira a fazer disputar no Algarve provas de «moths» e de «sharpies» de 12m2.

Fernando do Valformoso

## A REFINARIA MAIS MODERNA DO MUNDO



Custou 200 milhões de dólares à sua proprietária TIDEWATER OIL COMPANY e foi inaugurada em DELAWARE, U. S. A., Maio de 1957. Com uma capacidade de tratamento de 7 milhões de toneladas de óleo cru por ano e apetrechada com o mais aperfeiçoado e moderno material representa esta nova Refinaria A EXPRESSÃO MÁXIMA NO DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA E CIÊNCIA PETROLÍFERA. E' com tal progresso que a TIDEWATER OIL COMPANY corresponde às sempre crescentes exigências do consumo mundial proporcionando-lhe maiores quantidades e melhores qualidades.

Distribuidores Exclusivos

**SUPERÓLEO, LIMITADA LISBOA**



**VEEDOL**

O ÓLEO MAIS AFAMADO DO MUNDO

Representantes no Algarve

**Agromecânica Tavirense, L.ª**  
- TAVIRA -

**António Sales de Paiva**  
- ALBUFEIRA -

**José Emilio dos Santos Pardal**  
- FARO -

**José dos Santos Pacheco**  
- PORTIMÃO -

O óleo «Veedol» encontra-se à venda nas melhores GARAGENS, OFICINAS e STANDS DO ALGARVE

# NECROLOGIA

D. Amélia Dias de Oliveira da Silva Melo (Cartaxo)

Constituiu uma expressiva e sentida manifestação de pesar o funeral, realizado em Lisboa, da sr.<sup>a</sup> D. Amélia Dias de Oliveira da Silva Melo (Cartaxo), esposa do sr. D. Manuel de Melo, presidente do conselho de administração da Companhia União Fabril. Filha do saudoso industrial Alfredo da Silva e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Cristina Resende Dias de Oliveira da Silva, o seu nome fica ligado a muitas obras de beneficência. Senhora de grandes virtudes, a sua falta vai ser muito sentida não só pelos seus familiares como por aqueles a quem fazia bem. Era mãe das sr.<sup>as</sup> D. Maria Cristina de Melo Champalimaud e D. Maria Amélia da Silva José de Melo e dos srs. dr. Jorge de Melo e José Manuel de Melo, administradores da Companhia União Fabril.

À família enlutada apresenta o *Jornal do Algarve* a expressão do seu pesar.

### Capitão Francisco da Silva Rijo

LAGOS—Com 83 anos, faleceu o sr. capitão Francisco da Silva Rijo, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Lucinda do Carmo Rijo, pai da sr.<sup>a</sup> D. Ana Rijo Ribeiro de Almeida, casada com o sr. João Ribeiro de Almeida, escrivão de Direito, aposentado, e avô dos srs. capitão Joaquim Rijo Carreira da Silva e José Rijo Ribeiro de Almeida, estudante.

O falecido era cunhado dos srs. coronel Carlos Maria do Carmo, comandante da P. S. P. de Lisboa, e capitão Mário Lopo do Carmo, delegado dos serviços de censura, em Faro. Oficial distinto, fez duas comissões de serviço em África e serviu em França, no C. E. P., durante a primeira grande guerra. Foi vice-presidente da Câmara Municipal desta cidade, cargo que desempenhou com muito zelo e dedicação.

Pessoa muito estimada, o funeral constituiu impressionante manifestação de pesar. À família enlutada, especialmente ao sr. capitão Mário Lopo do Carmo, *Jornal do Algarve* apresenta sentidos pêsames.

### Também faleceram:

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO — a sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Martins, de 42 anos, desta vila.

Nas HORTAS — (Vila Real de Santo António) — a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Livramento, de 71 anos, viúva, natural de Tavira, mãe da sr.<sup>a</sup> D. Eugénia do Livramento e dos srs. Américo, Custódio e Jorge José do Livramento. Funeral a cargo da Agência Viegas.

Em MONTE GORDO — o sr. José dos Reis, de 52 anos, marítimo, da qual praia.

Em ALBUFEIRA — a caminho do hospital, vítima de um lamentável acidente de viação ocorrido no sítio das Ferreiras, a 5 quilómetros da qual vila, a sr.<sup>a</sup> D. Vitalina Rosa Casimiro, de 22 anos, solteira, de Vale de Serves, daquele concelho, filha do sr. Joaquim Casimiro.

Na COVA DA PIEDADE (Almada) — o sr. José da Purificação, de 75 anos, natural de Silves, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Rosa Valente e pai do sr. Alfredo Valente da Purificação.

Em LISBOA — a sr.<sup>a</sup> D. Lídia Fernandes Pires Gonçalves, de 55 anos, natural de Portimão, casada com o sr. António Pires Gonçalves.

— a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Ó dos Santos Valadas, de 80 anos, viúva, natural de Olhão.

— o sr. Diogo José Vieira, de 87 anos, escrivão de Direito, aposentado, natural de Albufeira.

— a sr.<sup>a</sup> D. Rosa dos Santos Ferreira, de 82 anos, natural de Lagoa.

— a sr.<sup>a</sup> D. Irene dos Mártires, de 40 anos, natural de Olhão, casada com o sr. Manuel Anastácio e mãe do menino João Manuel dos Mártires Anastácio. O funeral realizou-se da casa mortuária do Hospital de Santa Maria para o cemitério de Olhão.

— o sr. Mateus Marques, de 64 anos, natural de Portimão, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Faviania da Conceição Marques.

— a sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosado dos Santos Xavier, de 44 anos, natural de Budens (Vila do Bispo), professora de ensino técnico, casada com o sr. António Costa Carvalho Ventura.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve* sentidos pêsames.

# O sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão

## RESPONDE

### ao sr. dr. Frederico Ramos Mendes

Do sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do *Jornal do Algarve*

Supondo suficientemente esclarecido o problema hoteleiro da Praia da Rocha, não contava vir, de novo, importuná-lo com o pedido de um resumido espaço no conceituado jornal de V. Força-me a isso a carta do sr. dr. Frederico R. Mendes e faço-o não com o intuito de me ver enaltecido em letra redonda, mas com o desejo de prestar resumidas informações que, de certo, completarão os esclarecimentos já dados.

E' para estranhar a insistência do sr. dr. Mendes sobre os pretensos entraves levantados para a concessão da licença de obras de ampliação na vivenda onde se acha instalada a Pensão Sol. Julgava o assunto arrumado com os elementos, baseados em dados concretos, fornecidos na minha última carta. Toda a gente pôde, com certeza, avaliar e concluir não se tratar de entraves burocráticos, obstinação de técnicos ou desinteresse deste corpo administrativo, mas sim da observância de exigências regulamentares que esta Câmara, conscientemente, não pode, não deve e não quer pôr de parte. O sr. dr. Mendes não viu assim, do que não temos culpa e não vê, desde há muito, como se depreende do relatório de uma inspecção feita aos Serviços da Câmara Municipal da sua presidência e que, com referência à sua administração, diz o seguinte: «E' nítida a intenção de não cumprir a lei e instruções superiores, mas a maior parte das vezes tomam-se resoluções sem medir responsabilidades».

Diz o sr. dr. que pretendeu, com a modificação do art. 11.º da postura de obras publicada por ele quando presidente da Câmara, facilitar a construção na Praia da Rocha. Pergunta-se: Havendo tanta falta

de habitações em Portimão, por que foi esta cidade enfeitada de tal facilidade? Seria porque os proprietários urbanos de Portimão não lhe mereciam tanta consideração como os da Rocha?

Sou acusado de não ser feliz no entendimento das leis e que os tribunais têm tido oportunidade de reconhecê-lo algumas vezes. Na verdade não tenho culpa de não ter sido fadado para bem compreendê-las; acontece, porém, que, nos poucos casos a que ele se refere, andei, felizmente, em boa companhia porquanto as posições adoptadas pela Câmara foram orientadas pela instância superior a quem, muito justamente, é atribuída toda a competência na interpretação das leis.

Apresento a V. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

Paços do Concelho de Portimão, 29 de Janeiro de 1958.

O presidente da Câmara, Salvador Gomes Vilarinho

# ÓCIOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

*DE todas as formas de amor que se conhecem, nenhuma supera o amor próprio, aquinhoado pela natureza de particular apreço. Ao passo que os outros não resistem à destruição do tempo, extinguindo-se rapidamente, o amor próprio nasce e morre com o homem, apesar de ser o mais inútil de todos os amores.*

*O HOMEM e a mulher são modelos estandardizados. A humanidade futura deve trazer outra conformação.*

*A Eva que o Cristianismo nos legou está muito vista e usada. Seria injusto não dizer o mesmo do Adão que a Bíblia lhe deu por companheiro.*

*Se esse estado não receber mudança, chegaremos a passar um pelo outro sem nos apercebermos que somos de sexos diferentes...*

*OS BEIJOS que as mulheres não sentem e que, entretanto, comovem de mais perto a sua vaidade, são aqueles que os nossos olhos lhes dão. Na era platónica do amor, em que o homem parecia um asexual, era desse modo que Petrarca beijava Laura e Dante Beatriz.*

*No começo, elas contentam-se com esses beijos, mas, depois, reclamam os outros, que são frutíferos.*

*OS ACTOS precoces de amor não são inspirados, muitas vezes, pelo desejo ou por sentimentos inconfessáveis. É responsável por eles a curiosidade, que reflecte o interesse com que a menina desfia a boneca dos seus brinços infantis para ver o que tinha dentro.*

*Virgílio assinalou, nas «Geórgicas», a força dos hábitos da primeira idade.*

*A MULHER nova tem consigo, fazendo parte do seu corpo, três adversários inexoráveis que, entregues a si mesmos, darão com ela em pantanas: as espáduas, os seios e o abdomen. Quando umas e outros se desenvolvem, perturbando, com exaço, as suaves proporções do conjunto, no horizonte das suas armas de sedução, a linha do ocoço está à vista.*

*E mais se agravará a desarmonia, se as pernas forem magras e pilosas.*

*QUEM desperta a mulher, ainda adormecida no organismo da menina, são os nossos olhos, transmitindo-lhe uma flama, que ela não conhece.*

*NUM minuto, perde-se a mulher a si mesma, para que todos a encontrem depois.*

*A MULHER é uma fonte inesgotável de liberalidade. Quando ama, o seu primeiro sacrifício é dar aquilo que ela sabe que nunca mais poderá recuperar. O homem não faz concessões radicais. Entra com pouco e retira muito.*

*A APROXIMAÇÃO íntima coloca em mau campo a mulher, de quem ficamos, por essa forma, conhecendo particularidades que, em seu benefício, deveríamos sempre ignorar.*

*EXISTEM na mulher qualidades incompreendidas que o homem não possui, como, por exemplo, essa ternura instintiva, que a impelle generosamente para ele, mesmo quando o seu punho já se levantou para maltratá-la, ou percebe que outra ocupa o seu lugar. São virtudes de superioridade moral com as quais a Natureza não enobrecer o homem.*

J. Alvarez Sénior

# DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO ATUM

## SEU COMPORTAMENTO

Conclusão da 1.ª página

principalmente, da necessidade de reprodução.

Não se compreenderia que a Natureza, aliás sempre tão lógica e previdente, fosse dispor o atum em dispersas populações ao longo de todas as áreas dos mares e oceanos, compostas de indivíduos em número quase infinito, e que, inexplicavelmente, forçasse estes elementos a percorrer, para efeito da desova ou postura, variados, longos e tortuosos caminhos, para o que se não afigura viável a consecução de natural e seguro guia, quando é certo que, para o efeito, tem decerto à mão soluções muito mais simples e seguras.

Mais ainda: que, essa mesma Natureza, compelsse os indivíduos destas populações, depois de extenuante jornada, a afinar com estreitas e longínquas passagens (os estreitos), estabelecidas ao longo daqueles caminhos, para que as franqueassem (e por força do itinerário a seguir para efeito da chegada ao local de destino) quando é bem certo que essa imposição corresponderia, praticamente, à busca de agulha em palheiro, ponderados o número quase sem conto dos referidos elementos e as distâncias enormíssimas que eles teriam de percorrer na viagem de ida e regresso.

Atento o exposto, somos de parecer que se não deverão considerar longos e complicados movimentos migratórios para o atum; e, assim, não se deverá admitir que a Natureza seja tão carecida de senso prático, como certas hipóteses sobre aqueles movimentos parecem querer inexplicavelmente significar.

### Os guias que orientam os movimentos migratórios do atum

Convém todavia esclarecer que o aparecimento de um atum de uma dada população no seio de outra população distinta daquela, embora entre elas exista grande distância, em nada deverá invalidar a hipótese que formulámos.

Também o aparecimento anormal de indivíduos isolados, ou em pequenos grupos, em nada deverá invalidar a hipótese que futuramente exporemos, pois, em todas as espécies emigrantes, notamos o aparecimento casual de seres que, por

assim dizer, andam errantes pela vasta extensão dos oceanos.

Os atuns das imensas populações, situadas nos mares e oceanos do Mundo, farão, ao acaso, a viagem de ida, a partir das respectivas populações, e de regresso a elas?

Admitimos que não. E, assim, supomos que, normalmente, os seres não se deslocam inconsideravelmente sobre a Terra, como parece bem de ver.

Desta forma, o atum adulto dispõe de dois guias para efeito da execução dos seus movimentos migratórios.

O primeiro é facultado pelo fenómeno do heliotropismo em dado instante; e, o segundo, é concedido pelo instinto natural deste peixe; e, desta forma, tudo se passa de forma semelhante à que se verifica num navio a navegar no alto mar e convenientemente rumado.

O fenómeno do heliotropismo, positivo ou negativo, corresponderá de certo modo, à operação de se «soltar o rumo» na carta marítima; e, o instinto natural do atum, operando como segura girobússola, manterá esse rumo durante a sua marcha, intermitente ou contínua, até o momento de este peixe atingir o «local da postura ou desova».

Assim, os movimentos migratórios dos seres de cada população são, de dada maneira, comandados pelo movimento do Sol sobre a eclíptica.

E, assim, do «equinócio da Primavera» (21 de Março) até ao «solstício do Verão» (21 de Junho), no hemisfério Norte, e do «equinócio do Outono» (23 de Setembro) até ao «solstício do Inverno» (21 de Dezembro), no hemisfério Sul, o atum caminha da sua população ou «habitat de Inverno» para o lado do Oriente, ou seja para as bandas do nascimento do Sol; do «solstício do Verão» até ao «equinócio do Outono», no hemisfério Norte, e do «solstício do Inverno» até ao «equinócio da Primavera», no hemisfério Sul, ele marchará em direcção ao Ocidente, de regresso à sua população; e, finalmente, do «equinócio do Outono» ao «equinócio da Primavera», no hemisfério Norte, e do «equinócio da Primavera» ao «equinócio do Outono» (cerca de seis meses), no hemisfério Sul, o atum estaciona no domicílio em que nor-

malmente vive, aguardando aí a nova viagem nupcial.

Assim, enquanto o atum se movimentava durante cerca de seis meses num dado hemisfério terrestre, repousa e hiberna, em períodos sensivelmente iguais, no outro hemisfério, e vice-versa.

No movimento migratório para o lado do nascente a orientação de marcha é facultada, momentaneamente, pelo azimute solar, em dadas condições de altura do astro-rei acima do horizonte e após o nascimento.

Instantaneamente orientado, segue rota, intermitente ou contínua durante certo tempo, guiado, agora apenas, pelo instinto natural.

Julgamos que dados factores, tais como o próprio fenómeno fisiológico da desova, deverão provocar, de certo modo, a anulação do efeito do heliotropismo respectivo; e assim, depois da extinção da «corrida», este peixe reverterá em «atum estacionário», a fim de desovar e de se recompor fisicamente do abalo produzido pela desova ou postura.

Na sua movimentação migratória para o Ocidente, ou lado do ocaso do Sol, a orientação da «corrida» é concedida, instantaneamente, também, pelo azimute do Sol, em dadas condições de altura acima do horizonte e agora antes do seu ocaso, e no momento em que ele desaparece no seio das águas do mar, segundo, aquele azimute.

Instantaneamente orientado, a direcção e sentido da marcha são, durante dado tempo, conservados pelo instinto natural do atum.

A «corrida» terminará com a anulação do efeito do fenómeno orientador, devido a factores operantes no local em que ele vai de novo residir, durante cerca de seis meses, repousando e hibernando nesse local, até ao momento de nova viagem nupcial, a qual se inicia na altura dos equinócios respectivos.

Juntam-se os gráficos da «Movimentação do Atum Adulto em ambos os Hemisférios Terrestres».

José Salvador Mendes

O próximo artigo versa: *Motivo essencial que compelle o atum adulto a emigrar.*

\*\*\*\*\*

**DENTRO DUM PEQUENO ESPAÇO**



ENCONTRARÁ CONCENTRADOS TODOS OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS A UM CONTROLE RÁPIDO E SEGURO DAS SUAS CONTAS

**SIDEX**

GABINETE DE CONTABILIDADE

AV. GEN. ROÇADAS, 74.C.F.º-T.843965-LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

**SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO**

Sirvam-se V. Ex.<sup>as</sup> colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

- |  |   |
|--|---|
| <b>Em Vila Real de Santo António:</b>            | <b>Em Olhão:</b>                          |
| Centro Comercial de Combustíveis, Lda.           | José Pedro Ladeira, Lda.                  |
| Ernesto Duarte Gráfica do Sul                    | M. Rodrigues Pereira                      |
| José António Rilla                               | <b>Em Faro:</b>                           |
| Pilotos & Capa                                   | Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda. |
| Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª                  |   |
| Raul Folque & Filhos, Lda.                       |   |
| Soliva-Sociedade de Litografia e Vazio, Lda.     |   |
| Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.º                   |   |
| V.ª Vastques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda. |   |

\*\*\*\*\*

**Representações ou Agências para Vila Real S. António**  
Aceita guarda-livros de importante empresa industrial.  
Resposta a este jornal ao n.º 20.

**RAUL FOLQUE & FILHOS, L.ª**

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

As conservas  são produtos de ALTA QUALIDADE

# É vital para a economia do Baixo Alentejo que se proceda à construção do porto de Mértola

Conclusão da 1.ª página

extensão de 17 quilómetros. Deve dizer-se que esta limpeza resume-se a um trabalho tecnicamente fácil e economicamente barato. Consiste ela em destruir os vaus da Pedra, da Vaqueira e da Bombeira que julgamos terem sido criados pelos povos antigos, romanos ou árabes, para accionar azenhas e que retendo os detritos arrastados pelo rio, assorearam este em pequena extensão. Como a limpeza desse trecho do Guadiana e a criação consequente do porto de Mértola foram sempre problemas magros para o desenvolvimento do Baixo Alentejo, os serviços públicos ordenaram que se fizessem os respectivos estudos e a estimativa económica para ver se interessava a obra.

## O porto de Mértola servirá nove concelhos dos de maior importância cerealífera

Dos estudos se incumbiu, há uns dezoito anos, o sr. eng. José Luis Abecassis, o qual se houve tão bem na sua missão que o plano foi aprovado, depois de se verificar que o estudo económico correspondia perfeitamente ao dispêndio que ia fazer-se. A obra foi dotada, se não estamos em erro, há uns quinze anos com 3.000 contos e passado um ano, pouco mais ou menos, com 2.000 contos. E então nesse tempo não existiam as novas estradas que valorizaram tanto Mértola, valorização que assume agora proporções muito maiores logo que esteja concluída a magnífica ponte sobre o Guadiana que dará passagem a todo o tráfego dos concelhos de Barrancos, Moura e Serpa e da vasta zona cerealífera e mineira compreendida no triângulo Moura-Barrancos-Mina de S. Domingos. Na margem direita temos a rede de estradas que converge para Mértola e que tem como pontos referenciais de origem teórica Beja, Ferreira do Alentejo, Ourique e Almodôvar e ainda a estrada que partindo do Barranco do Velho, na estrada nacional n.º 2 Faro-Chaves, vem até ao porto de Alcoutim, através do qual se faz o abastecimento de adubos para uma grande extensão da serra algarvia.

Ao tempo em que foram votadas as primeiras verbas, a Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, que ia meter mãos ao empreendimento, alugou um edifício em Mértola onde, em obras de adaptação, dispendeu mais de 200 contos para no mesmo instalar os serviços técnicos e o pessoal. Tudo pronto para se começarem os trabalhos. E de repente, por artes de magia, tudo se esfumou! Esperou-se, esperou-se e à espera se continua ainda. Há uns cinco anos, talvez, pretendeu-se ressuscitar o plano e apareceram anúncios da abertura de um concurso, cremos que no montante de 900 contos, para destruição

dos vaus do Guadiana, a fim de permitir a travessia de navios de certo porte até Mértola. Mas também desta vez interviu a magia — e tudo se esfumou!

Pois bem, temos que acabar com os mágicos, porque não há mágicos — estamos convencidos — que possam continuar a pôr obstáculos a esta obra que se reveste de interesse nacional pela sua projecção na economia de uma das nossas maiores províncias.

No estudo económico então feito e em que se afirmava que a obra era justificada, calculava-se o manuseamento de mercadorias no porto de Mértola em 240.000 toneladas, não existindo ao tempo as estradas de ligação com Serpa, Moura e Barrancos; de Mértola a Almodôvar e a de Mértola a Ourique. Avalie-se o que revelaria hoje um novo estudo económico! Grosso modo (excluindo as exportações de minérios e cereais, excepto trigo, a importação de máquinas agrícolas e de combustíveis para a lavoura e para a indústria) pode calcular-se que os concelhos directamente interessados no porto de Mértola fornecerão a este o seguinte movimento de exportação de trigos que se destinam em grande parte às moagens do Norte do País: Mértola, 10.000

toneladas; Beja, 25.000; Serpa, 15.000; Moura, 20.000; Castro Verde, 15.000; Almodôvar, 7.000. Importação de adubos: Mértola, 8.000 toneladas; Beja, 12.000; Serpa e Moura, 20.000 e Castro Verde e Almodôvar, 10.000, não contando Ourique cujas estimativas não podemos avaliar.

E agora vejamos a que distância ficam as principais terras a serem servidas do porto de Mértola: Moura, 75 quilómetros; Ourique, 57; Serpa e Beja 50; Salvada, 38; Almodôvar e Castro Verde, 42 e Mina de S. Domingos, 17.

## Poderão frequentar o porto de Mértola navios de 2.000 ton.

Do Pomarão até Mértola, o rio depois de expurgado dos vaus e dos detritos que estes retêm, oferece fundos que regulam pelos quinze metros, o que permite a subida até à vila alentejana de navios de 2.000 toneladas ou mais, conforme o seu comprimento.

O porto de Mértola está perfeitamente delineado no local onde a ribeira de Oeiras entra no rio e onde se forma uma praça com o espaço suficiente para os navios atracarem e poderem manobrar.

A natureza oferece-nos generosas possibilidades a troco de um insignificante desembolso. Temos que aproveitá-las. Assim o exigem os interesses do Baixo Alentejo e da Nação. Não há mágico, por mais mágico que seja, que possa ocultar esta verdade. Acima dos interesses subalternos estão os interesses de uma vasta região, que não pode aspirar a ver o seu trabalho valorizado se não lhe proporcionarem condições para isso. Então é lá admissível que umas minas de manganês, as de Alcaria, a 35 quilómetros do porto de Mértola, tenham que utilizar a camionagem para levar a Setúbal 600 toneladas de mineral? Por quanto fica este transporte? Em que condições tem que se fazer a exploração para dar margem a pagar transportes a tão longa distância?

Esperemos que desta vez — e vai ser a terceira! — se considerem devidamente os interesses do Baixo Alentejo, destinando-se a verba indispensável à limpeza da magnífica via de água que é o Guadiana. Neste sentido apelamos para o Governo e em especial para o sr. ministro das Obras Públicas.

# O Ensino no Algarve

## Escolas técnicas

Para as escolas de ensino técnico profissional adiante mencionadas, foram nomeados, por conveniência urgente de serviço, os seguintes professores provisórios: Escola Industrial e Comercial de Faro: sr. Martiniano Leal, 3.º grupo — 2.º grau; dr.ª Ilda Belo Carmona, 8.º grupo — 2.º grau e dr.ª Maria João Guerreiro e Gago, 11.º grupo — 1.º grau. Escola Industrial e Comercial de Silves: dr.ª Maria Eugénia Figueira, 1.º grupo; dr. Francisco José Emílio Soares, 2.º grupo — 2.º grau e D. Maria Clara de Oliveira Martins, 6.º grupo — 1.º grau. Escola Industrial e Comercial de Lagos: arquitecto José Paulo Velho Geraldo Albuquerque Veloso, 3.º grupo — 2.º grau. Também por conveniência urgente de serviço foram contratados os seguintes professores: Escola Industrial e Comercial de Silves: D. Amélia da Piedade Fava e rev.º José dos Santos Oliveira, Religião e Moral; dr. Eugénio Nobre Pires, Noções de Higiene e Puericultura e Enfermagem; D. Maria Rosa Gonçalves Marreiros, Educação Física e D. Maria do Carmo Gomes Ildefonso, contramestra provisória de Formação Feminina. Escola Industrial e Comercial de Lagos: rev.º José António Monteiro, Religião e Moral e sr. Anatólio dos Reis Falé, Canto Coral.

## Escolas primárias

Foram nomeadas, em comissão, para as escolas de aplicação anexas à Escola do Magistério Primário de Faro, as professoras das escolas femininas de Ferreiras (Albufeira), D. Maria Isabel Cristiano Duarte Casquinho e mista de Sambada (Faro), D. Lucinda dos Santos Carneiro da Silva.

Foi aposentada a professora da escola primária da sede do concelho de Portimão, D. Maria José Baptista Correia.

Foi concedido aumento de vencimento correspondente à 3.ª diuturnidade, à professora da escola da sede do concelho de Alportel, D. Maria do Nascimento Coelho.

## Postos escolares

Foi criado o posto escolar, misto, de Queimados, freguesia de S. Marcos da Serra (Silves).

## Educação de adultos

Foram criados cursos, mistos, de educação de adultos em Vale de Lousas, freguesia de Alcantarilha (Silves) e Corte da Pomba (Monchique).

# Os C. T. T. no Algarve

## Promoções

Foram promovidas à categoria de terceiro-oficial de exploração, as operadoras prestando serviço na estação de Vila Real de Santo António, sr.ª D. Dinora Maria das Dores Silva Henriques e D. Maria Júlia dos Santos Almeida Felgueiras.

## Nomeações

A título provisório, foram nomeados carteiros provinciais, para prestarem serviço nas estações que a seguir lhes vão indicadas, os srs. Manuel António Mascarenhas, Albufeira; Artur Gil Rodrigues, Silves; António dos Santos Vargues, Fusetta; Horácio Silvino Nascimento dos Santos e José Filipe Jesus dos Santos, Faro; João Romão Olímpio dos Reis, Moncarapacho, e José Félix Correia, Luz (Tavira).

## Transferências

Foi transferida, a seu pedido, da rede telefónica de Évora para a de Faro, a telefonista sr.ª D. Maria Cristina Samina.

# O ALGARVE NA OBRA de Teixeira Gomes

Continuação da 1.ª página

riam conforme a sensibilidade de quem os olha e a luz em que são copiados.

Tavares Rodrigues observa que ele é «um homem admiravelmente fadado para viver com os sentidos». E era nos ambientes estagnadamente calmos que os sentidos atingiam «o máximo de agudeza».

«Os meus sentidos... («sempre despertos e ávidos») cada vez mais afinados, mais livres, mais desprendidos de toda a sujeição subalterna, procuram-me a cada instante impressões maravilhosas: a forma, a cor, a música»;

Numa carta sobre Hellen Keller, afirma: «afinar, ampliar, e até — sonho nada fantástico — multiplicar os sentidos, eis o caminho da perfeição realizável».

Teixeira Gomes escarpeliza o exterior de olhos atentos, qual esteta exigente que estudasse quadros num museu.

«Tenho arrecadado por estes olhos tanta impressão valiosa, deve-lhes tanto e tanto a minha alma, a esses dois infatigáveis transmissores de tudo quanto o mundo exterior resume de movimento, cor ou forma...»

Para acudir às infinitas necessidades dos seus sentidos, armou-se a si próprio cavaleiro andante.

Qualquer motivo que porventura o fascinasse, não o arrastava, contudo, àquele estado hipnótico atingido o qual se perde o comando do cérebro.

«Não basta admirar para que a alma plenamente se contente. É indispensável que o raciocínio confirme essa admiração, e eu não sei de trabalho mais saudável, e profícuo, e cabal, do que descobrir as razões que o motivam»;

«Em arte é indispensável transitar constantemente das adivinhações da sensibilidade para as conclusões da análise».

Teixeira Gomes admirou fervorosamente Fernão Mendes Pinto, tendo mesmo pensado em escrever um trabalho sobre esta figura prototípica à qual o ligavam profundas analogias.

Nas páginas inspiratórias do audacioso viajero quinhentista, acresceu ele o gosto das grandes peregrinações solitárias.

Teixeira Gomes foi sempre um apóstolo do isolamento: «A presença d'amigos e mesmo de simples conhecidos envenena o encanto das viagens. Viajar, sózinho. Nada que importune mais do que a opinião, a alegria, ou a tristeza, ou os caprichos daqueles de cuja existência devemos participar quando corremos mundo em busca de sensações ou de repouso. Lugares há onde nos achamos de mais a nós mesmos»;

«Abomino os companheiros porque me impedem de «ver» mesmo se louvam a propósito: é uma vontade estranha à minha vontade, odiosa interrupção a dispersar-me os sentidos ou pior, solicitando-os, concentrando-os, quando justamente a imaginação flutua indecisa ou livre, enlevada, longe, muito longe de tudo».

Umaz vezes fala-nos do seu «infinito desejo de quietação»; outras refere-se à «sacriliga quietação» do seu espírito».

Adorava loucamente «a hora da partida», porque lhe permitia «fugir a todas as prisões, mesmo às mais doces», e começar uma «outra vida», cheia de surpresas.

«Sózinho», no «sério retiro espiritual» da «remota Bougie», que no

# O CLIMA DO ALGARVE

DO Boletim do Serviço Meteorológico Nacional reproduzimos, com a devida vénia, a seguinte tábua que contém os valores médios anuais de alguns elementos climáticos em nove locais do Algarve. Estes valores correspondem ao período de 1921-1950 para Lagos, Faro e Cabo de S. Vicente, e a períodos que começam em 1927 para Vila Real de Santo António e Praia da Rocha, 1951 para Tavira, 1955 para Caldas de Monchique, 1942 para S. Brás de Alportel e 1945 para Ameixial e termina em 1956.

	H	T	AT	Tmax	Tmin	U	R	nR
Ameixial . . . . .	260 <sup>m</sup>	16,2°	15,4°	22,0°	10,5°	71%	471 <sup>mm</sup>	79
Caldas de Monchique . . . . .	205	17,6	13,2	22,8	12,5	75	1089	90
Vila Real de Santo António . . . . .	9	16,6	12,7	21,2	12,1	82	428	75
S. Brás de Alportel . . . . .	330	16,4	13,2	21,4	11,5	—	801	60
Praia da Rocha . . . . .	20	17,0	12,2	21,1	12,9	78	415	74
Lagos . . . . .	14	17,1	11,5	21,5	13,0	69	461	74
Tavira . . . . .	25	17,2	12,9	22,2	12,5	70	541	76
Faro . . . . .	14	17,7	12,2	21,5	13,4	71	425	65
Cabo de S. Vicente . . . . .	69	15,9	6,4	18,5	13,5	82	401	81

Os símbolos têm o seguinte significado:

H — altitude do local, em metros;

T — valor médio anual da temperatura do ar (média aritmética das temperaturas médias dos doze meses do ano) em graus C;

AT — amplitude da variação anual

da temperatura do ar (diferença das temperaturas médias do mês mais quente e do mês mais frio) em graus C;

Tmax — valor médio anual da temperatura máxima do ar (média aritmética dos valores máximos diários da temperatura do ar) em graus C;

Tmin — valor médio anual da temperatura mínima do ar (média aritmética dos valores mínimos diários da temperatura do ar) em graus C;

U — valor médio anual da humidade relativa do ar às 9 h., em percentagem;

R — valor médio anual da quantidade de precipitação, em milímetros;

nR — número médio de dias do ano em que há precipitação.

Com base nestes valores pode dizer-se que o clima é:

a) Quanto à temperatura do ar: «temperado» e «moderado» (valor médio anual e amplitude da variação anual entre 10 e 20°) em todos os locais excepto Cabo de S. Vicente onde é «oceânico» (amplitude inferior a 10°);

b) Quanto à humidade do ar: «seco» (valor médio anual da humidade relativa entre 55 e 75%) em Ameixial, Caldas de Monchique, Lagos, Tavira e Faro, e «húmido» (entre 75 e 90%) nos outros três locais para que há valores;

c) Quanto à precipitação: «chuvoso» (quantidade anual de precipitação entre 1000 e 2000<sup>mm</sup>) em Caldas de Monchique, «moderadamente chuvoso» (entre 500 e 1000<sup>mm</sup>) em S. Brás de Alportel e Tavira; e «semi-árido» (entre 250 e 500<sup>mm</sup>) nos outros seis locais.

# IMPRENSA

«Jornal do Fundão» — Entrou no 13.º ano de publicação o nosso prezado colega «Jornal do Fundão», de que é competentíssimo director António Paulouro o qual conseguiu, num pequeno meio, edificar o maior e mais prestigioso jornal das Beiras e um dos jornais regionais mais importantes do País. Pressupõe isto muito trabalho, muita canseira, certo número de ilusões desfeitas e uma energia física e um apuro mental que são características dos grandes lutadores. Do artigo em que inventaria a sua actividade de um ano extraímos o seguinte trecho, que merece o nosso inteiro aplauso:

«... Ora nós temos da missão da imprensa diverso conceito: ela existe para servir a Verdade, fazer de todas as causas justas a sua causa, intervir contra os erros e as injustiças, viver as dores e os anseios da sua região, aceitar as iniciativas úteis como se suas fossem. E a dignidade, sem a qual esta missão nunca passará de teórico, inútil propósito, vivá na medida em que o jornal não for a voz de um interesse ou de um grupo mas a efectiva expressão da pluralidade de ideias, retrato do microcosmos que a região é, com os dramas, as misérias, as grandezas e os júbilos da gente pequena e grande que todos somos.»

Felicitemos António Paulouro e os seus colaboradores e não podemos também deixar perder o ensejo de felicitar a simpática e progressiva vila do Fundão por ter a honra de possuir um dos maiores semanários regionais do País.

«Praia do Sol» — Celebrou o seu 8.º ano de publicação este nosso colega da Caparica, defensor entusiástico do concelho de Almada. Felicitemos o seu director, sr. António Correia e os seus colaboradores, desejando prosperidades ao simpático periódico.

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

# ADEGAS COOPERATIVAS A ADEGA DO SOTAVENTO ALGARVIO

Conclusão da 1.ª página

todas as pequenas manchas de vinha da região, com o carinho que o algarvio consagra a todos os seus frutos e culturas.

Máquinas modernas esmagam-nas e elevam o mosto depositando-o nas cubas onde se opera a sua transformação em vinho.

Mais tarde, quando a maioridade de limpidez, pureza e aromas apurados, o tornam próprio para ser servido, é distribuído em garrafas em cujo rótulo se lê, destacada, a palavra Tavira, o vinho do Sotavento do Algarve!

Apesar da sua reduzida capacidade laborou esta Adega: em 1954, data da fundação, 103.000 litros; em 1955, 134.000; em 1956, 156.000 e em 1957, ano de reduzida produção, 65.000.

As contas de liquidação da campanha vinícola de 1956 acabam de ser apuradas e verifica-se que, enquanto no mercado das uvas para vinificação, não foi ultrapassado o preço de 28\$00, por arroba, a Adega acaba de liquidá-las a mais de 33\$00, em média. E tem sido assim em todos os anos e só os viticultores sabem que preços obteriam se a Adega não existisse.

No entanto naquele pavilhão nada mais cabe; nem mais sócios nem mais uvas.

Urge a construção dum edifício de «pedra e cal» onde possam caber todos os viticultores inscritos que aguardam essa única oportunidade de lhes serem franqueados os tegões de recepção.

Desta necessidade, premente, está certa a Direcção, que envia todos os esforços no sentido de obter da Junta Nacional do Vinho a sua construção. O Organismo patrono conhece a situação e trata activamente dos preliminares da construção.

AGENTE PARA A VENDA DE CARTÃO E PAPEL Precisa-se. Dirigir-se, fornecendo informações à Fábrica de Papel do Antuã, Couto de Cucujães

# Pára-raios

Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a

HELIODORO VALENTE Telefone 21 OURIQUE

# CALENDÁRIOS

Das companhias de seguros «Ultramarina» e «Tranquilidade» e da firma Amoniacio Português, de Estarreja, recebemos artísticos calendários para 1958.

Agradecemos a gentileza da oferta.

# ÁRVORES DE FRUTO

Das melhores variedades: oliveiras, eucaliptos e cedros cultivados em vaso, videiras enxertadas nas melhores castas de vinho e uvas de mesa, barbados americanos seleccionados e morangueiros Gigante, as mais bonitas rosas, árvores de sombra para estradas e avenidas, plantas de vedação, construímos pomares e olivais em qualquer ponto do país, substituímos grátis as plantas que não pegarem.

Consultem o nosso catálogo que é enviado grátis.

FRANCISCO RODRIGUES BAPTISTA QUINTA DE MARROCOS — COIMBRA

## ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A MÚSICA POPULAR

VII

NO ALGARVE

DIFÍCILMENTE se pode conceber que haja pessoas que não gostem de música e que não vibrem ao ouvir os acordes da banda que desfila pela rua a tocar uma marcha marcial ou um «passo-doble». Quer na cidade, na vila ou na aldeia, a passagem da filarmónica é sempre um acontecimento que desperta interesse. Todos acorrem à rua, ou às portas ou janelas, para ver passar a banda e em todos os rostos se surpreende um ar de simpatia.

Mas verifica-se hoje bastante desinteresse pelas filarmónicas, o que aflige e mortifica os amantes da música, aqueles que a essa manifestação, na sua faceta popular, têm dedicado toda a sua vida. Connosco assim tem acontecido e é lamentável que nos inferiorizemos a outros países onde se dedica particular carinho às filarmónicas. Por exemplo na América do Norte, a música popular sai logo das escolas e nunca mais deixa de ser cultivada por aqueles que a aprenderam na infância e que continuam pela vida fora a prestar culto a essa arte.

Para dar ideia do triste panorama musical do País, vamos fazer algumas transcrições:

Do *Diário de Lisboa* (24-12-1955), recordamos umas passagens de um excelente artigo — «A banda já não toca», de Antunes da Silva:

«Hoje, o que se vê? A mocidade aperaltada, reina nos piqueniques e nos bailes e nem um vem à Sociedade a aprender o solfejo.

«Antigamente ensinava-se obrigatoriamente aos filhos, as vocações que tinham dado fama aos pais. Hoje, vieram as orquestras de sal e pimenta, com aparelhagem sonora, que é a forma de aparecerem vocalistas de colarinhos à rás-te-parta e gargantas rançosas que o microfone salva dos grandes fiascos da falta de talento. Vieram também as charangas dos jazzes, de ritmos americanos, apalermados, sem nenhuma beleza — e as Bandas fanam-se numa morte sem história... Bolas por tanta incuria!»

*Notícias de Serpa* (8-5-1955), reclamando o reaparecimento da banda de música, em artigo intitulado «A decadência das filarmónicas»:

«As filarmónicas do tempo dos reis eram o vivo ornamento das vilas e cidades; eram a vistosa poesia das horas de festa, por noites caudalosas de luz, de verbenas magníficas e alegres.

«No outro tempo, cada executante tinha uma grande estimação pelo fardamento: usavam dragões de ouro, mostrando ao povo impressionado a superioridade de um talento e de uma arte que a todos enfeitava.

«Quem salva da morte as filarmónicas de Portugal?»

Com este grito, *Notícias de Serpa* marca a sua posição nesta grave crise da música popular portuguesa.

*Jornal de Sintra* (16-2-1955), pela pena vigorosa do seu director — António Medina Júnior, — sob o título «Decadência das filarmónicas»:

«Esses benditos conservatórios populares tiveram em nós — agora e sempre — um apaixonado simpaticante e um indefectível defensor.

«Em devido tempo não hesitámos em ir, pessoalmente — e dessa decisão ainda não nos arrependemos, visto ela não brigar com a nossa honra — ao encontro do presidente do Município, para lhe expor a delicada situação de uma filarmónica local, com tão honrosas tradições, que estava praticamente morta. Tão lamentável situação só poderia ter salvamento desde que o Município ou a Comissão Municipal de Turismo quisessem ajudar o que um punhado de homens, só por si, não podiam salvar: um «doente» tão útil à terra e às suas tradições culturais.

nossas brilhantes bandas de música vivam!»

«O *Século*» (11-8-1941), o mais idóneo órgão da Imprensa que tantas vezes tem batido a mesma tecla, dizia:

«A filarmónica, bem se pode afirmá-lo sem receio de exagero ou de falsa interpretação, é uma autêntica instituição nacional. De Norte a Sul, à beira-mar ou no interior do País, vemo-la a concretizar e a consubstanciar o gosto, se não a paixão, do povo pela música, cercando-a de mil dedicações, para que ela se prolongue de geração em geração.



A Banda 1.ª de Dezembro, sucessora da Sociedade Filarmónica União Meyerbeer 1.ª de Maio, de Vila Real de Santo António, na última fase da sua existência, em 1930

«Torna-se difícil, nos tempos que vão correndo, já não dizemos criar novas bandas, porque tal missão se torna, por diversas razões, quase impossível, mas manter — pelo menos manter — as boas bandas de música que por cá temos.

«Só com o sacrifício dos amadores? Só com a boa vontade das respectivas massas associativas? Só com a esportula deste ou daquele sócio-benemérito mais afortunado, que um dia cansa? Não! Os factos provam que não. Sem o competente e indispensável apoio dos Municípios, tão preciosos elementos culturais hão-de continuar a lutar e a sofrer, e, por fim, tombam lamentável e ingloriamente, no denegrido regaço da morte.

«Torna-se preciso, pois, que as

### HOMENAGEM a Julião Quintinha

Conclusão da 1.ª página

veitou para fazer o sua autobiografia, abrindo o seu coração generoso com a largueza de que só são capazes os homens bons.

Pode dizer-se que o último almoço da Tertúlia, onde compareceram pela primeira vez Mimoso Barreto e Arnaldo Martins de Brito, que por tal motivo foram saudados, constituiu uma bela manifestação de regionalismo e de amizade.

«A filarmónica é um cenáculo onde se juntam, para satisfazer uma aspiração espiritual avorvente, algumas dezenas de indivíduos, refractários às fadigas dos seus modos de vida, alheios às canseiras dos seus ofícios extenuantes, dispostos a oferecer em holocausto à sua arte o seu próprio repouso físico. Assistir a um ensaio de banda aldeã é presenciar um espectáculo inolvidável. E' adquirir a certeza de que da inteligência humana e das mais rudes e primitivas sensibilidades se podem arrancar as mais extraordinárias e imprevisíveis maravilhas.

«A sua projecção na existência local é tónica e construtiva.

«E' indispensável cultivar e fortalecer o instinto popular da música. Cultiva-se uma faculdade preciosa do povo e impede-se a expansão do vício. Se outros resultados não houvesse a esperar, esses bastavam para justificar tudo o que se fizesse para garantir às bandas de aldeia existência próspera e duradoura.»

E tantos têm sido os lutadores por estas obras de espírito, que, há pouco, tivemos o grato prazer de ouvir da boca do sr. ministro da Educação que «as colectividades de cultura e recreio podem vir a representar um importantíssimo papel na cultura popular do nosso País. São comunidades nas quais cada homem tem o sentimento de compartilhar com outros homens um certo número de satisfações intelectuais e afectivas e o orgulho de poder praticar a ajuda colectiva.

«Eu sei, sabemos todos, que os portugueses são, em geral, demasiado individualistas e refractários a associações de trabalho prolongado; mas lembro que o esforço e a patriótica dedicação de alguns será o benefício de muitos. O Governo está atento ao seu trabalho e lho agradece.»

Palavras claras que muito agrada ouvir pelo interesse que demonstram pela cultura e recreio populares. Conveniente seria que o Governo estimulasse e amparasse aqueles que ainda lutam para evitar o desaparecimento das poucas colectividades filarmónicas, que conseguem dificilmente sobreviver.

Pedro de Freitas

### NO SILÊNCIO

Nem pedra rolou,  
Nem sombra caiu,  
Nem bicho saltou,  
Nem ave fugiu...

Ninguém lá passou,  
Ninguém se moveu,  
Ninguém mais olhou:  
Eras tu... e eu!...

MARIA HERMÍNIA

### MADRINHA

Para conforto moral deseja madrinha de guerra o soldado Elvino José Martins, n.º 400/56 do C. E. P., servindo no Batalhão de Caçadores das Beiras, Velha Goa, Índia Portuguesa.

## O SUL não foi ouvido!

DE vários portos do Algarve e até de outros portos, recebemos aplausos e manifestações de concordância com os pontos de vista expostos no artigo «O sul não foi ouvido!», da autoria do nosso prezado amigo sr. João Folque e Brito. Das cartas chegadas à nossa redacção vamos inserir uma, vinda de Tavira, da autoria de um motorista de traneira que interpreta o sentir do sector mais modesto das actividades piscatórias — os marítimos, também justamente preocupados com as estipulações do recente decreto.

Sr. Director do Jornal do Algarve

Frente ao artigo publicado no penúltimo número do vosso conceituado jornal intitulado «O sul não foi ouvido!», da autoria do sr. João Folque e Brito, irresistivelmente sentimos a necessidade de exteriorizar o nosso ardente apelo a quanto — sem qualquer reserva — nele se contém, por traduzir inteiramente, com clareza, sem rodeios obscuros, a angústia do problema ali focado.

E' necessário, realmente, conhecer na sua cruesa a verdade ligada à faina da pesca, para se poder com tal clareza de visão localizar os contras ali apontados com tanta mestria. Nós que, também, mercê da nossa profissão de motorista, contactamos diariamente com o pescador e com o armador, lutando no mesmo tablado por uma maior indústria e por uma mais justa compreensão para a classe marítima, sentimos que aquelas são, na verdade, as nossas próprias ideias e palavras. Certos estamos de que a voz que se levantou no Jornal do Algarve por atilada, coerente, serena mas impressionante de sinceridade e de desejo de se evitar uma medida ruinosa, não deixará de rasgar as distâncias que separam este «Sul» tão longínquo dos centros das decisões importantes e, que assim, nem tudo será perdido, pois as objecções e conjecturas que levanta, são na verdade de ponderar e serão ponderadas.

Agradecemos penhoradamente a V. a publicação desta, na qual se pretende também demonstrar publicamente o nosso reconhecimento ao sr. João Folque e Brito, pelo zelo que assim demonstrou na defesa dos pescadores do Algarve.

De V. etc.

a) Eduardo Viegas Carapeto

## Um triunfo literário

Conclusão da 1.ª página

Congratulamo-nos pelo triunfo literário de Maria Emília Dias e reproduzimos a seguir os seus versos que mereceram a inclusão na «Antologia», aos quais ela acrescentou esta amiga «barbaridade» — «Al Director del colosal *Jornal do Algarve* con toda mi simpatia».

### Contemplacion oceanica

Recostada indolente  
sobre la fina arena,  
sintiendo los acariciantes rayos  
[del sol.

Contemplé el Oceano.  
Que maravilla!  
Las aguas de un color azul,  
quisas verdoso,  
tenian tan nitida transparencia  
que se veia al fondo.  
Diminutas conchenitas de varios colores,  
ornamentaban el suelo marino.  
En una colonia de pólipos  
los moluscos abrian las valvas  
para respirar el oxigeno vivificante.  
Las algas de extrañas tonalidades  
pareciam encajes adornando el Oceano.

Las olas, al estrellarse sobre la arena  
dejaban un festón de blanca espuma.  
Algunas gaviotas  
rosaban el agua con tanta majestad,  
que parecia blancos cisnes  
deslizándose suavemente  
por el diáfano lago.  
Era todo tan hermoso,  
que me senti de pronto extasiada.  
Levantando los ojos al Cielo,  
balbuci algo tan intangible,  
que sólo Dios oyó mi oración.

## Notícias de Silves

Movimento associativo

Nas diversas colectividades de Silves, foram eleitas as novas Direcções para 1958, que ficaram assim constituídas:

**Amigos dos Pequenininos** — sr.ªs D. Maria João Lança Falcão, D. Alda Baião Amorim, D. Isabel Pardo Antunes, D. Maria Inácia Silva Fstêvão, D. Catarina Cabrita do Carmo e D. Amélia Fava, sob a presidência da sr.ª D. Corina Taveira Sadler.

**Corporação Voluntária de Salvação Pública de Silves** — srs. Paulo dos Santos Silva, António dos Santos Mourinho, António da Costa Pimenta e vereador do Pelouro de Incêndios, sob a presidência do sr. dr. Mário Ramires.

**Silves Futebol Clube** — srs. Joaquim Sequeira, Ernâni Correia Gordinho, José João dos Santos Ribeiro, José Baptista Silva, Joaquim dos Santos Cabrita e Teodoro Pedro Fortes, sob a presidência do sr. José dos Santos Matos.

**Clube Silvense** — srs. João Carneiro Jacinto, Francisco d'Almeida Lima Elias, Hugo Rafael da Gama Pinto e António Monteiro de Oliveira, sob a presidência do sr. dr. Mário Ramires. — C.

## DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

*Cantigas de amor são versos,  
Que a gente faz quando é novo,  
E que depois vão, dispersos,  
P'las ruas, na voz do povo.*

António da Cunha Correia Júnior

Gambém na cozinha se

pode ser artista

**Salada de arroz** — Deixe ferver água salgada. Quando esta estiver em boa ebulição, deite duzentos e cinquenta gramas de arroz com cuidado, para que a água não pare de ferver. Dez ou quinze minutos depois, o arroz estará cozido. Derrame-o sobre uma peneira, regando-o com água fria e deixando escoar. Quanto mais seco ficar, melhor. (Pode-se mesmo prepará-lo na véspera, envolvendo-o num pano seco). Em seguida descaroe com gramas de azeitonas verdes e cem gramas de azeitonas pretas; cortá-las em pedacinhos. Abra uma lata média de atum, corte-o aos pedacinhos. Ponha o arroz na saladeira, acrescente-lhe meia lata de «petit pois» bem pequenos, adicione o atum, as azeitonas e um molho picante «vinaigrete». Se se quiser, pode-se com sucesso acrescentar também pedacinhos de maçã, de nozes, de qualquer legume ou fruta. Mas não adicione tomates, pois «molhariam» o arroz.

O doce nunca amargou

**Pudim de castanhas** — Cortam-se umas fatias de pão de ló aos bocadinhos nos quais se deitam uns pingos de vinho do Porto. Juntam-se umas castanhas cozidas e passadas pela máquina da carne e um bom pedaço de manteiga fresca. Batem-se 250 gramas de açúcar com 6 gemas e 3 claras batidas em castelo. Mexe-se muito bem, junta-se os bocados de pão de ló, e as castanhas ao açúcar. Deita-se numa forma untada de manteiga e vai para o forno. A acompanhar um creme de baunilha.

Virtudes do marmelo

Este fruto que possui escasso valor para consumo directo, presta-se no entanto para a preparação de saborosos e apreciados doces, todos eles largamente vulgarizados no nosso País: a marmelada, a geleia e o doce de quartos. Pondo de parte os dois primeiros, cujo fabrico decerto já não oferece segredos, vamos referir à forma de preparar os quartos de marmelo.

Lavam-se os marmelos muito bem, com o auxílio de uma escova (semelhante às de esfregar o chão), e descascam-se. Partem-se em quatro ou num número maior, conforme o gosto, e vão-se mergulhando em água e sal (na proporção de uma colher de sopa de sal para um litro de água) com o fim de evitar o escurecimento do fruto.

Entretanto faz-se um xarope da seguinte maneira: a cada litro de água junta-se um quilograma de açúcar; leva-se ao lume e deixa-se ferver até o xarope ter a concentração de 25.º B, o que corresponde aproximadamente a uma fervura de 5 minutos.

Em seguida passam-se os pedaços de marmelo por água limpa e pesam-se. A cada quilograma de marmelos já preparados juntam-se 750 gramas de xarope feito e leva-se tudo novamente a ferver até atingir a concentração de 25.º ou 30.º B, conforme se prefere menos ou mais doce.

Enfrascam-se em quente.

Limpa-se os bordos dos frascos e as tampas com um pano húmido; colocam-se as anilhas, as tampas e finalmente as molas. Levam-se a esterilizar (a água já deve estar quente) durante 15 minutos.

É agora não ria!

— Amigo Sousa, venha jantar comigo na próxima quinta-feira.  
— Com todo o gosto. Haverá muita gente?  
— Não; alguns homens de talento e você...

## Carnaval no Algarve

Conclusão da 1.ª página

Será conveniente a comissão respectiva diligenciar obter casas amplas que funcionem como restaurantes para evitar que muitas pessoas lutem com dificuldades para se alimentarem. Quanto aos alojamentos, têm de se registar os embaraços do costume, primeiro porque, quanto a hospedagem, é conhecida a miséria geral da Província e segundo porque a afluência de visitantes é tão elevada que é difícil instalá-los a todos.

Mas enfim, é festa, é alegria e para o efeito os contratemplos não contam e às vezes até ajudam à diversão!

O Carnaval de Portimão também tem tradições. Na mais jovem cidade algarvia trabalha-se com entusiasmo nos preparativos dos festejos que começam no dia 15, às 20 horas, com a chegada à estação do caminho de ferro dos reis do Carnaval e seu séquito. Os 21 horas haverá o primeiro corso no recinto da batalha de flores que estará feéricamente emoldurado por amendoieiras em flor iluminadas por milhares de lâmpadas e projectores. Nos dias 16, 17 e 18, à tarde, efectuam-se cursos em que tomam parte muitos carros alegóri-

cos, marchas populares, filarmónicas e cabeçudos. No último dia serão apresentadas ao público as «misses» Carnaval e Alegria de Portimão eleitas entre as participantes do curso por um júri secreto.

Também S. Bartolomeu de Messines, à semelhança do ano passado, festejará este ano o Carnaval, organizando batalhas de flores. Em reunião na Casa do Povo, foi constituída a comissão organizadora das festas da qual fazem parte os srs. Arsenio dos Santos Águas, Francisco Vargas Mogo, José da Conceição Neves, Manuel Martins Correia, Manuel Rodrigues, Salvador Mourinho e Silvério de Jesus Martins.

Esta comissão, com o desembargo peculiar aos messinenses, meteu já mãos à obra e trabalha com entusiasmo porque não lhe tem faltado apoio e a colaboração de todos os seus conterrâneos que dão assim uma saudável amostra de acrisolado baírrismo.

As festas têm uma finalidade muito simpática: a sua receita líquida adicionada à do ano anterior e a algumas dádivas que foram enviadas à comissão, reverterão a favor dum monumento a erguer à memória de João de Deus, filho ilustre daquela terra.



O ÚNICO PULVERIZADOR FABRICADO POR NOVOS PROCESSOS. EXAMINE CUIDADOSAMENTE TÓDAS AS SUAS PEÇAS E DAR-LHE-A PREFERÊNCIA.

# HIPÓLITO

A MARCA QUE OFERECE TÓDAS AS GARANTIAS  
CONSULTE AS NOSSAS NOVAS TABELAS DE PREÇOS

Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GIESTAL, 4 à R. Aliança Operária. Tel. 637106 LISBOA